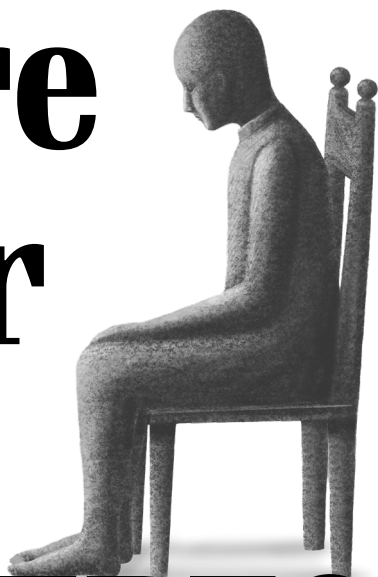


reflexões sobre a dor



UMBERTO ECO

Tradução de Bárbara Villalobos

NÃO-FICÇÃO · FILOSOFIA

Introdução

Guido Biasco

Director científico da Academia
das Ciências de Medicina Paliativa – ASMEPA
(Bentivoglio, Bolonha) entre 2007 e 2017

Ador é um termo que, no campo da medicina, é geralmente identificado como sofrimento físico, mas o seu verdadeiro significado deve ser alargado ao sofrimento emocional, espiritual, social, afectivo. Por vezes esquece-se esta dimensão mais lata do termo e a dor é encarada unicamente com o objectivo de aliviar o mal físico, o que implica competências técnicas, mais do que humanistas.

A dor é, pelo contrário, expressão de uma necessidade que requer uma abordagem

global de cura. Na ausência desta, verificam-se as consequências da necessidade de uma medicina que tome a cargo a pessoa com a doença e não unicamente a doença.

Para compreender melhor os seus significados, é oportuno desvincular o termo da relação com a doença e analisá-la num contexto semiológico, histórico e filosófico, contextualizando a discussão em diversas situações, nas quais a palavra dor se pode libertar dos vínculos estereotipados de derivação clínica.

A dor física e a dor da alma, a dor percebida e a dor provocada, o sofrimento como viático para a redenção, a dor desejada, a dor do amor perdido, a satisfação pelas dores alheias e a dor pelos defeitos próprios, a representação da dor e a descrição do mal, a dor como geradora de energias do espírito, a dor como via para o conhecimento e o conhecimento da dor como meio de suporte, cultura e controlo dos sintomas.

Com as suas *Reflexões*, o professor Umberto Eco alarga o conceito de dor, analisando os seus aspectos e significados múltiplos, oferecendo assim também ao campo da cura um termo que, mais bem conhecido, pode ser conscientemente utilizado como instrumento para alcançar uma compreensão adequada e delinear um tratamento sólido.

Reflexões sobre a dor

Este texto nasceu da *lectio magistralis* feita por Umberto Eco por ocasião da cerimônia de entrega dos diplomas da Academia das Ciências de Medicina Paliativa – ASMEPA, em 2014, publicado pela ASMEPA Edizioni.

Neste meu contributo não falarei dos cuidados paliativos, em relação aos quais não possuo nenhuma competência, ainda que, obviamente, não possa senão congratular-me pelo seu desenvolvimento. Quero antes deter-me em algumas reflexões sobre a dor, considerando que, também graças a várias especializações da medicina contemporânea, se está lentamente a mudar uma crença milenar: que a dor seja condenação e fatalidade não eliminável.

A dor é certamente um fenómeno universal, que pode ser reconduzido a um outro grande tema que dominou durante séculos a teologia e a filosofia, ou seja, a presença do mal no mundo.

Na *Teogonia* de Hesíodo, Éris, deusa da obscuridade, fomentadora do ódio e da discórdia, gera Ponos (a Fadiga), Lete (o Esquecimento), Limos (a Fome) e depois Batalhas, Assassínios, Massacres, Conflitos, Mentiras, Controvérsias, Anarquia e Infortúnios, e, por fim, Algea (as Dores que fazem chorar).

Por conseguinte, desde os seus alvares, cada cultura tem reflectido sobre essa experiência inelutável da natureza humana, e também animal, que é a dor. E não falo apenas da filosofia grega ou da cristã: basta pensar no budismo, doutrina baseada na consciência da dor e do sofrimento como realidades universais, que podem, contudo, ser vencidas através da sua anulação na insensibilidade, ou seja,